

SILVA, Tarcisio T. (2019) Olhares sobre a paisagem: imagem e memória no desastre socioambiental em Mariana, Brasil. *Revista VIS*, Vol. 18, No. 1. Brasília: UnB, p.140-155.

Olhares sobre a paisagem: imagem e memória no desastre socioambiental em Mariana, Brasil

Tarcisio Torres Silva
PUC-Campinas

Resumo

Em 2015, ocorreu no Brasil um acidente ecológico de grandes proporções envolvendo duas barragens da mineradora Samarco, na cidade de Mariana, Estado de Minas Gerais. Os eventos que se seguiram tiveram ampla cobertura midiática e ações ativistas e artísticas, fornecendo um conjunto de imagens das percepções dessa tragédia. Tais imagens envolviam fotografias, gráficos, e mapas da região. Em vista desse contexto, neste trabalho, pretendemos analisar como essas imagens funcionaram em conjunto para sensibilizar o país sobre a exploração econômica da região, que envolve a maior mineradora do país, Vale do Rio Doce. Compreendemos que os mapas e infográficos localizam geograficamente a paisagem devastada, o que contribui para a narrativa de devastação exibida pela mídia, mas também dimensiona a amplitude do impacto ambiental provocado pela exploração econômica da região. Em contrapartida, fotos, vídeos e ações performáticas contribuem para humanizar os impactos da tragédia, mostrando os rostos das pessoas ignoradas pelo capitalismo voraz.

Palavras-chave:

Desastre ecológico, Mariana, fotografia, paisagem.

Abstract

In 2015, a high impact socio-environmental disaster happened in Brazil. Two dams operated by mining company Samarco collapsed, in the town of Mariana, State of Minas Gerais. The events over the following days received wide media coverage along with artistic and activist acts, so providing a set of perceptions for this tragedy. These images involved photos, graphics, and maps of that region. In reason of this context, in this article we aim to analyse how these images worked together in order to sensitize the country about the economic exploitation of the region, that involve the biggest mining company *Vale do Rio Doce*. We understand that the maps and infographics not only locate geographically the devastated landscape, so contributing to the narrative exhibited by the media of the devastation, but also provide a frame of the environmental impact dimension caused by the region's economic exploitation. On the other hand, the actions involving photos, vídeos, and performance contribute to humanizing the impacts of the tragedy, showing the faces of people ignored by the greedy capitalism.

Keywords:

Ecological disaster, Mariana, photography, landscape.

Introdução

No interior de Estado de Minas Gerais, opera a mineradora Samarco, controlada pelas empresas Vale (brasileira) e BHP Billiton (australiana). Os detritos resultantes da extração de minério são transferidos para barragens. No município de Mariana está localizada a Mina Germano, da qual fazem parte as barragens do Fundão e Santarém. No dia 05 de novembro de 2015, ocorreu o que hoje é considerado o maior desastre ambiental já ocorrido no Brasil. Uma das barragens, a do Fundão, rompeu, liberando dezenas de milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração, composto principalmente óxido de ferro, água e lama.

O rompimento atingiu diretamente a vila de Bento Rodrigues, destruindo casas e matando 19 pessoas. Em seguida, seguiu o curso pelo rio Gualaxo, afluente do rio Carmo. Este, por sua vez, deságua no Rio Doce, que passa e abastece 15 cidades entre Minas Gerais e Espírito Santo, até chegar no litoral.

A experiência visual midiática de contato com o acidente divulgada pela imprensa foi composta por imagens que procuravam explicar geograficamente o acidente, descrevendo uma região conhecida nominalmente pelos brasileiros em função de sua importância histórica, mas não visualmente. Imagens panorâmicas da paisagem também foram intensamente divulgadas. Nesse ângulo, eram observados os estragos que a lama ocasionou na paisagem, mostrando diferenças de coloração no verde das matas, rio e oceano. Os fotógrafos, por outro lado, optaram pelo recorte do detalhe, pousando o olhar sobre os destroços, animais e pequenos detalhes da vida que existia ali indicados por objetos do cotidiano abandonados.

O que percebemos é que o evento foi explorado visualmente a partir de três instâncias principais. Mapas e infográficos; imagens da paisagem devastada e imagens da vida privada. Nossa opção de análise caminhará nesse sentido, mostrando a lógica de percepção por trás dos eventos. Daremos ênfase às imagens da vida privada, mas levando em conta que a percepção visual dessas fotos também passou por uma dimensão geográfica da paisagem do país, trazendo com ela memórias e afetos da regionalidade cultural brasileira.

Poderes sobre a paisagem

Iniciaremos nossa análise a partir dos mapas e infográficos divulgados pela grande mídia na cobertura do acidente ecológico. Divulgado pelo jornal Folha de S. Paulo, o mapa abaixo (Figura 1) é um exemplo dessa tentativa de localizar a região atingida. Mostra que a barragem está localizada a 15 km do centro da cidade de Mariana, enquanto que a vila de Bento Rodrigues ficava a apenas 2,5 km do acidente, justificando a intensidade com que foi atingida.

O segundo infográfico (Figura 2), divulgado pelo jornal *A Gazeta*, de Vitória (ES), mostra a localização exata das barragens e da vila atingida. Informa também seu tamanho, com população de 612 pessoas e cerca de 200 casas. Com ele é possível compreender também que o rompimento da barragem do Fundão que fez com que a barragem de Santarém transbordasse.



Figura 1. Barragem - Mariana - MG - Bento Rodrigues (Créditos: Editoria de Arte/ Folhapress)¹

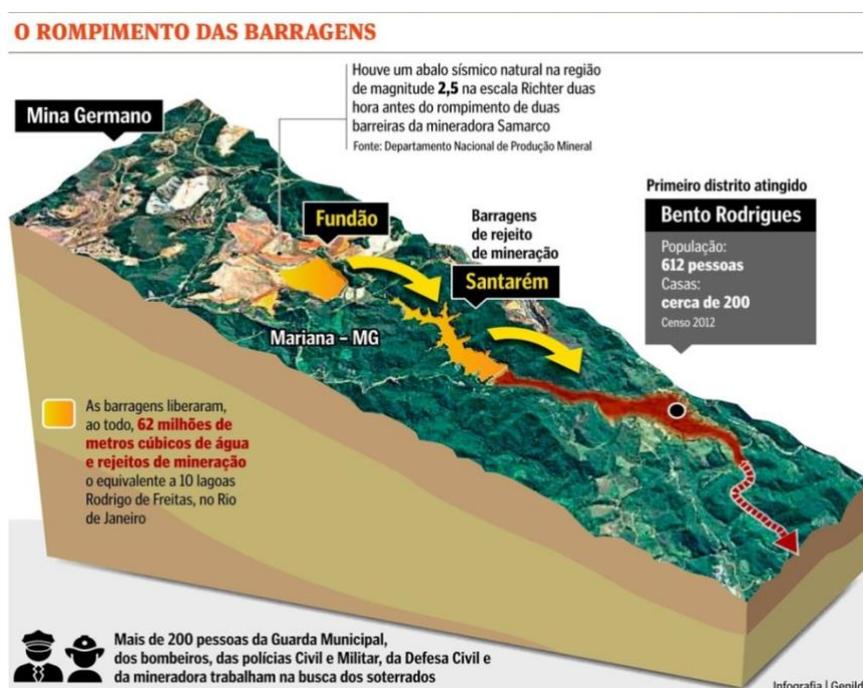


Figura 2. Localização das duas barragens que se romperam (Créditos: Genildo)²

¹ Disponível em: <http://f.i.uol.com.br/folha/cotidiano/images/1531074.jpeg>
Acesso em 17 ago. 2016.

Como a lama seguiu um percurso, era importante explicar também qual foi o caminho que ela percorreu. Assim, novos mapas foram gerados mostrando o trajeto até os rios e a contaminação do Rio Doce, prejudicando todas as cidades abastecidas por ele até desembocar no litoral do estado do Espírito Santo (Figura 3). Os números dizem respeito ao volume de rejeitos (50 milhões de metros cúbicos) e a quantidade de peixes mortos (11 toneladas), segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) (Machado, 2015).

A devastação permanece com seus efeitos não só dentro do continente, mas também no mar. Segundo Fioravanti (2016, p. 44), “levados continuamente ao mar pelo rio, os resíduos formam uma mancha móvel que oscila ao longo de 200 quilômetros (km) ao norte e ao sul da foz do rio Doce, que alterou o equilíbrio marinho (...)” da região.



Figura 3. Percurso da lama até o litoral do Espírito Santo (Créditos: TV Gazeta)³

A opção de iniciar nossa argumentação pelos mapas leva em consideração a discussão levantada por Foucault em sua entrevista para Hérodote sobre a Geografia. Ao longo do texto, a dupla observa que as metáforas geográficas propostas pelo filósofo estão ligadas às relações de poder com um território, às articulações militares e outros mecanismos de poder fundados na

² Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/-iBeX5rR_4Es/Vj5YImx7Mbl/AAAAAAAAAH2M/qCWcSwY0VPo/s1600/info%2Bbarragem%2B2.jpg Acesso em 17 ago. 2016.

³ Disponível em: http://s2.glbimg.com/LkeqOzn_aEwy67hoDtfFstZW2G0=/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2015/12/05/mapa-lama.jpg Acesso em 17 ago. 2016.

Geografia. Nas palavras de Foucault (2010, p. 159), “a descrição espacializante dos fatos discursivos desemboca na análise dos efeitos de poder que lhe estão ligados”.

Além disso, a utilização dos mapas remete a um discurso sobre identidades e nacionalismo, que no caso específico do acidente ambiental que descrevemos refere-se às fronteiras de uma parte do território brasileiro envolvendo cidades mineiras, a delimitação entre os estados e a relação rio/terra/mar. Para Foucault, as identidades surgem dentro de uma multiplicidade de discursos, em que cabe também as delimitações geográficas.

[...] minha hipótese é de que o indivíduo não é o dado sobre o qual se exerce e se abate o poder. O indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças. Além disso, sobre os problemas de identidade regional e sobre todos os conflitos que podem ocorrer entre ela e a identidade nacional, haveria muita coisa a dizer (FOUCAULT, 2010, p. 162).

Foucault acha sedutora a ideia de pensar a identidade do ponto de vista da fronteira, ligando-a ao conceito de nacionalismo. Como observamos em sua argumentação acima, outras instâncias de poder devem ser pensadas dentro da complexidade presente na multiplicidade de fatores que compõem a identidade. Porém, gostaríamos de salientar o fator geográfico, tanto pela importância deste conhecimento para se pensar em estratégias de poder, como acaba admitindo Foucault em sua entrevista, como por entendermos que este recorte é bastante significativo para compreendermos as narrativas visuais do evento.

Os mapas acima apontam que a região do acidente é próxima de localidades de grande valor histórico nacional. Tanto Mariana quanto Ouro Preto (outra cidade que aparece no mapa 1) são cidades de grande importância para a memória do Brasil, tendo se destacado durante o ciclo econômico do ouro e palco de eventos históricos significativos, como a Inconfidência Mineira (1789). Apesar disso, faltava ao público informações sobre a localização tanto do acidente como dessas cidades e a região começou aos poucos ser descrita visualmente por meio dos mapas citados.

O fato de a mineradora Samarco ser administrada por duas empresas, uma brasileira e outra estrangeira, também levanta questões a respeito da forma como os recursos naturais têm sido conduzidos no território nacional. A narrativa sugerida pelos mapas mostra uma atividade extrativa intensa de minério no solo, gerando grandes volumes de interferência na paisagem. Em contrapartida, localizam-se morro abaixo o vilarejo atingido e a cidade de Mariana, sugerindo certa vulnerabilidade dessas localidades perante as decisões de interesse econômico da região.

Nesse aspecto, as políticas neoliberais do estado brasileiro mostram as conseqüências das transformações das preocupações do estado com o território. Em *Segurança, Território, População*,

Foucault mostra que, inicialmente, a idéia da polícia, nos séculos XVII-XVIII, não transmitia o sentido negativo que costumeiramente entendemos o termo hoje. A polícia, naquela época, tinha a função de regulamentar para garantir melhores práticas e o bem-estar da população, envolvendo questões urbanas, higienização e a circulação de mercadorias e pessoas. O autor refere-se ao *Tratado de direito público*, de Domat, para mostrar que eram questões da polícia o uso dos mares e dos rios, por exemplo. Segundo Foucault:

O espaço de circulação é portanto um objeto privilegiado para a polícia. Por ‘circulação’, porém, deve-se entender não apenas essa rede material que possibilita a circulação das mercadorias e eventualmente de homens, mas a própria circulação, isto é, o conjunto de regulamentos, imposições, limites ou, ao contrário, facilidades e incentivos que vão possibilitar a circulação dos homens e das coisas no reino e, eventualmente, fora das fronteiras (FOUCAULT, 2008, p. 437).

O que os mapas mostram é a interferência causada pelo desastre sobre inicialmente o vilarejo de Bento Rodrigues (mapa 2) e depois sobre as populações abastecidas com a água do Rio Doce (mapa 3), com conseqüente impacto sobre suas atividades cotidianas e também sobre as famílias que dependiam economicamente do rio, como os milhares de pescadores que perderam sua fonte de renda com a morte e contaminação dos peixes.

Ou seja, o que notamos visualmente nesses mapas é uma interferência econômica extrativa imensa sobre a paisagem, que se confirma com os números apresentados sobre as empresas envolvidas e o volume de dejetos produzidos pela atividade extrativa. Constatamos um certo desequilíbrio entre os interesses neoliberais e o controle dos recursos naturais em prol do bem-estar da população, parte das tarefas da “polícia” dos séculos XVII-XVIII.

Na medida em que o estado permite maiores liberdades para a livre concorrência e a “ordem natural dos fenômenos”, ele se afasta de suas obrigadoriedades com relação ao bem estar da população local. Os mapas mostram essa discrepância. Além disso, evidenciam certo descontrole estatal sobre o território, pois o acidente teve impactos econômicos em ao menos dois estados brasileiros diretamente.

Do panorama ao particular

Logo após o desastre, o município de Mariana foi tomado por jornalistas, fotógrafos e produtores audiovisuais interessados em registrar as sequelas do acidente ambiental. Sua aproximação do local dos eventos fez com que a região brasileira, conhecida apenas nominalmente, fosse sendo descortinada a partir dos registros de fotos e vídeos da região devastada pela lama.

Muitas imagens panorâmicas do local foram divulgadas, mostrando a dimensão dos estragos sobre a paisagem e, particularmente, sobre o vilarejo de Bento Rodrigues. Imagens como a do

fotógrafo Douglas Magno (Figura 4), que indicavam a quase completa destruição das casas que estavam no caminho da lama. Os espectadores puderam acompanhar as narrativas que iam sendo construídas a partir das imagens das casas, dos moradores e do meio ambiente devastado. Boa parte dessas imagens foram transmitidas pelos meios de comunicação, o que contribuiu para criar a atmosfera de comoção e dor em torno do evento.

A foto a seguir (Figura 4) é bastante significativa, pois mostra que a lama, apesar de ter destruído quase completamente a vila, deixou sobre a paisagem alguns resquícios das moradias que haviam ali. Notamos também que o desmoronamento das paredes frontais das casas deu visão ao ambiente interno privado dessas moradias, revelando uma intimidade que se mistura à paisagem devastada. É sobre essa visão do privado que alguns fotógrafos se interessaram ao registrar as marcas da destruição sobre a vila.



Figura 4. Casas completamente destruídas pela lama em Bento Rodrigues, Mariana (MG). Fotógrafo: Douglas Magno⁴.

Assim, no recorte que se segue, interessa-nos particularmente como fotógrafos e produtores de vídeo optaram por construir uma estética política da devastação a partir da vida privada, revelada por meio das paredes das ruínas, objetos e relatos dos moradores. Desse modo, selecionamos alguns desses profissionais a fim de observar o tipo de olhar que colocaram sobre a paisagem que

⁴ Fonte: Disponível em: <http://www.douglasmagno.com.br/galerias/marianamg/#F2> Acesso em 25 ago. 2016.

registraram e refletir sobre seus interesses em determinadas temáticas que se repetem ao longo das fotos/vídeos.

Entre os fotógrafos selecionados, estão Christian Cravo, que lançou o livro “Mariana” com as fotos em 2016 e Douglas Magno, que fotografou o local logo após o acidente, além do documentário *Rio de Lama* realizado com tecnologia 360 graus, de Tadeu Jungle e da instalação do artista sul-africano Haroon Gunn-Salie. Todas as imagens selecionadas tiveram como cenário o vilarejo de Bento Rodrigues.

O que serviu como objeto para a construção das imagens desses profissionais foi o fato de que, apesar da devastação extrema sobre o vilarejo, restaram algumas paredes em pé e, fixadas a elas, vestígios da vida que havia ali. O rompimento das paredes é também simbólico por tornar pública a vida privada antes fechada pelas portas, muros e paredes derrubados. Dessa forma, o que se revela é a vida privada sobreposta à paisagem devastada pela lama. Os objetos, quadros, tecidos e objetos remanescentes, quase sempre sujos pela lama, revelam os sinais de uma vida interrompida, se não pela morte, pela inexistência de um cotidiano que não mais se recuperará naquele lugar.

Recorrente entre os fotógrafos citados, o apelo a esse tipo de recorte denota que a escolha para retratar a destruição que presenciaram passou pelo âmbito do privado. Como em grande escala tinham o intuito de fotografar a fim de tornar pública a devastação, utilizaram a fotografia como um instrumento de denúncia e, ao mesmo tempo de memória. A vida privada daquele interior brasileiro devastado serviu como instrumento de resistência perante as forças político-econômicas descritas acima ao percorrermos as narrativas propostas pelos mapas sobre o evento.

A opção técnica do registro também é um elemento importante de análise. Uma foto colorida determina que a lama advinda do rompimento da barragem ficará impregnada nos registros fotográficos não apenas como metáfora recorrente dessa catástrofe, mas como axioma. Uma vez que as inferências visuais são, no caso, derivadas de um conjunto definido de registros se consideramos, por exemplo, que a gama tonal de uma fotografia em preto e branco não seria capaz de ser discursivamente forte para remeter ao tipo de tragédia ocorrida.

A Figura 5 é um exemplo da tentativa de personificação sobre o ambiente de degradação do vilarejo. A opção do fotógrafo Christian Cravo recai sobre o retrato possivelmente remanescente na parede. Revela um velho retrato em branco e preto, colorido manualmente, como era costume antigamente entre os laboratórios de fotografia no Brasil. Mostra também algumas características raciais do retratado, evidenciando um homem jovem e negro. O recorte proposto pelo fotógrafo

mostra a face envolvida numa espécie de moldura de lama, um rosto que resiste ao apagamento, uma memória persistente.

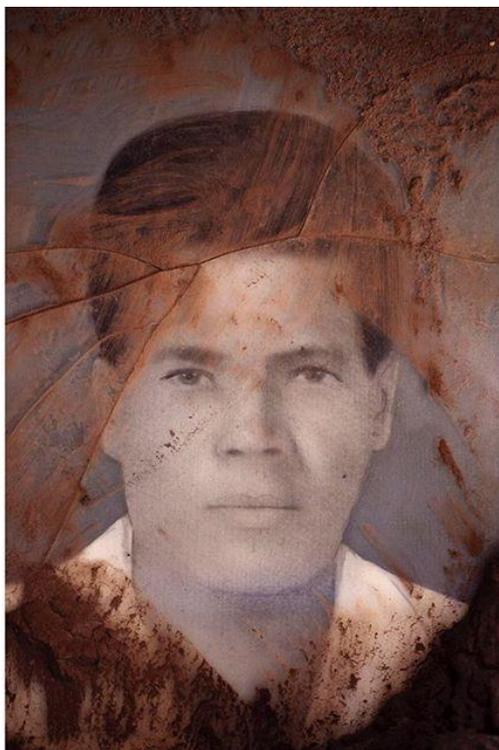


Figura 5. *João*, Christian Cravo⁵.

Observamos também nesta imagem que a relação de forma ou de escolhas técnicas/estéticas da fotografia se conectam ao conteúdo tornando essa figura emblemática, por recorrer mais uma vez à lama impregnada. Esta imagem é indicial da situação a qual os habitantes dos locais afetados foram submetidos. Ou seja, o lugar como "signo constante de reconciliação sociofísica" (OLIVEIRA, 2012, p.11) sofreu ruptura e quebra (literal e metafórica) que inviabilizaram as condições de vida. Toda a referência entre lugar e espaço como forma de conhecimento do sujeito social se esfacela como as trincas do vidro sobre a foto.

Outra fotografia (Figura 6), agora do fotógrafo Douglas Magno, traz outro retrato antigo pintado manualmente. Dessa vez, um casal no dia de casamento, ele de terno e ela de noiva, também de feição racial negra, é também emoldurado pela lama. Presente em muitas casas brasileiras, esse tipo de retrato remete à tradição e às origens das famílias e costuma fazer parte da decoração de salas e outros ambientes centrais das casas. Além disso, esses retratos de casamento

⁵ Disponível em: https://scontent.cdninstagram.com/t51.2885-15/s640x640/sh0.08/e35/13092254_1697167577200077_379661082_n.jpg
Acesso em 25 ago. 2016.

eram, para muitas famílias menos abastadas, a única lembrança fotográfica de seus antepassados. No texto escrito pelo fotógrafo autor da imagem sobre o evento, lemos seu depoimento que denota essa recorrência das fotografias nas paredes:

Dona Lia morava em Bento, e viu a foto de seus pais, que tinha na parede da sala, ser levada pelo tsunami provocado pelo rompimento da barragem de Fundão. Os rejeitos destruíram tudo o que tinha pela frente. Não era só uma foto na parede. Eram histórias, sonhos, vidas que a lama levou, deixando um rastro de tristeza e saudade, muita saudade (MAGNO, 2015).

Na parede vemos também tecidos pendurados que lembram resquícios de cortinas, enquanto o outro quadro arredondado traz o nome do *Cruzeiro Esporte Clube*, time de futebol de Minas Gerais, e a raposa, seu mascote.

O conjunto faz referência à cultura popular típica do interior do Brasil, preenchida pela diversidade racial, ligada à cultura do futebol e à religiosidade. O fato desses elementos da vida privada serem violentamente expostos para a cena pública e sujos pela lama faz com que, simbolicamente, o espectador evidencie ali uma violência não só privada, mas também de toda uma brasilidade ali exposta. A cultura popular estaria então a serviço de uma poética que utiliza sua força de resistência impressa sobre a paisagem.



Figura 6. Lembranças na parede do que sobrou de uma casa em Bento Rodrigues, Mariana (MG), Douglas Magno⁶

Analisada por Michel de Certeau, a cultura popular na América do Sul, é apresentada pelo autor pelo seu forte caráter de resistência ao lidar de forma criativa, por meio do trabalho livre, com as forças da modernidade industrial. É o que o autor chama de “táticas populares”. Nas palavras do autor:

⁶ Disponível em: <http://www.douglasmagno.com.br/mariana> . Acesso em 6 abr. 2016.

Na instituição a servir se insinuam assim um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral, isto é, uma economia do ‘*dom*’ (da generosidade como revanche), uma estética dos ‘*golpes*’ (de operações de artistas) e uma ética da *tenacidade* (mil maneiras de negar à ordem estabelecida o estatuto de lei, de sentido ou fatalidade). A cultura ‘popular’ seria isto, e não um corpo considerado estranho, estralçado a fim de ser exposto, tratado e ‘citado’ por um sistema que reproduz, com os objetos, a situação que impõe aos vivos (DE CERTEAU, 1998, p. 88-89).

A religiosidade para o mesmo autor também funciona como elemento de resistência dentro da cultura popular, pois nela são revistas relações de poder e hierarquia, com o recurso dos milagres e a criação de espaços simbólicos paralelos. Para o autor:

Um uso (‘popular’) da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se vêem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida (DE CERTEAU, 1998, p. 78-79).

Cherem (2015) mostra que o impacto sobre o patrimônio religioso na Arquidiocese de Mariana foi grande. A lama invadiu pelo menos quatro igrejas católicas, sendo uma do século XVIII e 310 peças sacras foram recuperadas da lama. É sintomático que diversas fotos da devastação contemplam a temática da religiosidade como objeto. Em seu conjunto, representam imagens de santos cobertas pela lama e quadros fixados sobre as paredes que ainda permaneciam em pé.

A Figura 7 é um dos exemplos do olhar dos fotógrafos selecionados sobre a religiosidade popular do local. Na foto abaixo, vemos uma imagem do que parece ser a imagem do Cristo ou uma santa, parcialmente destruída pela lama. De forma similar às imagens anteriores, a religiosidade aqui parece estar ligada a uma espécie de resistência da memória do lugar, além de fazer menção às cidades históricas próximas ao evento, marcadas historicamente pela forte presença religiosa em seus inúmeros templos católicos barrocos.

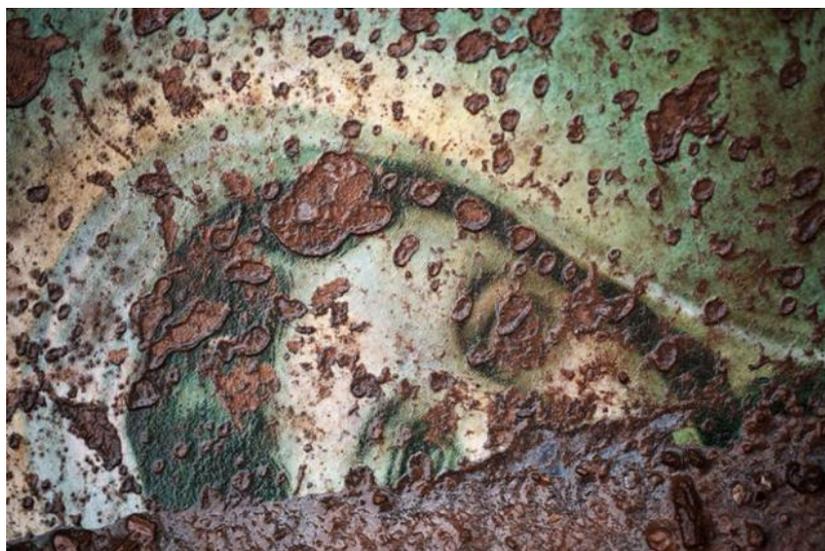


Figura 7. *Sem título*. Christian Cravo⁷

Sobre memória, o filme “Rio de Lama”, rodado em tecnologia de 360 graus, dirigido por Tadeu Jungle (2016) é particularmente simbólico nesse sentido. O diretor dá preferência para a memória humana sobre a paisagem. Pede para que os moradores voltem aos locais onde estavam suas casas e, a partir daquele local, que deem seus depoimentos sobre a vida na vila, o seu cotidiano e o que costumavam fazer, como no caso de Dona Irene e Seu Zezinho que, diante da câmera, entoam uma das canções que cantavam nos fins de tarde na varanda da casa que um dia ali existiu (Figura 8).



Figura 8. Dona Irene e Seu Zezinho, frame de vídeo⁸.

⁷ Disponível em: http://fw.atarde.com.br/2016/03/g_2016328143418154.jpg . Acesso em 25 ago. 2016.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7zQZqqSkJq0> Acesso em 24 abr. 2018.

Em depoimento do diretor sobre a produção, ele diz que o convívio durante as filmagens fez com ele percebesse que “todos os moradores, sem exceção, eram apaixonados pela cidade, apaixonados pela comunidade de Bento Rodrigues” (Rio, 2016b).

Sua tentativa no filme é a de sobrepôr as memórias dos moradores sobre a paisagem devastada. A presença dos antigos moradores no local personifica a tragédia e gera empatia com o local. A tecnologia utilizada pelo diretor (realidade virtual ou 360 graus) também colabora com essa empatia. Enquanto os personagens narram suas histórias sobre o lugar, é possível assisti-los e ao mesmo tempo percorrer o olhar por sobre a paisagem, observamos pequenos vestígios de memória em objetos entre os entulhos sobre a lama. A tecnologia gera proximidade e, de fato, contribui para uma sensação de presença compartilhada com aqueles que estão sendo retratados.

Descrivendo a experiência de se filmar a partir de um mirante, Andrade e Garrocini (2015) mostram que essa perspectiva oferece uma visão que dá acesso à reflexão sobre o lugar. Para os autores:

Se considerarmos que a paisagem é carregada de significados e que estabelece relações, expressões de valores, crenças na percepção e apreensão do mundo; nós podemos estabelecer uma relação entre a contemplação do que se vê do alto da montanha e a imagem fabricada dessa visão privilegiada que contribui para que outras pessoas tenha acesso a essa informação visual e que de alguma maneira possa também contribuir para o estudo, reflexão e análise do lugar e da paisagem (Andrade e Garrocini, 2013, p. 52).

Ainda que descrevam a visão de uma câmera comum a partir de uma montanha, os autores mostram a importância da visão ampliada oferecida pelo vídeo. A tecnologia de realidade virtual amplifica essa possibilidade na filmagem da paisagem, não só por permitir um espaço para “reflexão e análise do lugar”, mas também pelo ângulo em primeira pessoa, ou P.O.V. (*point of view*), que transmite ao espectador a impressão de estar no lugar do cinegrafista. Quando visto em aparelhos móveis, a interação com o filme implica necessariamente a movimentação física do espectador, o que colabora com a experiência de empatia e mobilização para com a temática exposta no documentário.

Community-specific

Segundo Vivian Mocellin, "ali onde a lama e a ruína da política, da ecologia e do capitalismo se entrecruzam" o artista sul-africano Haroon Gunn-Salie comissionado pelo prêmio SP-Arte/Videobrasil fez a arte surgir "como esperança de um devir fundado em outras formas de existência e ação coletiva" (MOCELLIN, 2016).

A exposição "Agridoce" (Figura 9) como forma e ação ultrapassa a condição de um *site-specific* estabelecendo-se como um *community-specific*. Isso significa que a comunidade teve participação ativa na construção da exposição, impactando significativamente na instauração de um trabalho onde ética e estética caminharam lado a lado. Uma vez a tentação de estetizar a ruína, a dor e o sofrimento pode se converter em uma forma apelativa ou aproveitadora.

No caso do artista sul-africano, ocorreu uma convergência de fatores que o levaram a assumir a realização dessa exposição, sendo que um deles reside em sua própria autobiografia, baseada em eventos que culminaram com a remoção à força dos antigos residentes do District Six em Cape Town no regime apartheid. Outro fator, como afirma Mocellin, é baseado em sua formação como artista, na qual:

Gunn-Salie adotou a prática colaborativa como uma metodologia na qual a obra de arte é concebida e executada a partir do diálogo intenso e da ação coletiva da comunidade, uma tendência que a crítica britânica Claire Bishop denominou virada social (*social turn*) (MOCELLIN, 2016).



Figura 9: Vista da exposição “Agridoce”, exposição comissionada pelo 1º Prêmio SP-Arte/Videobrasil , de Haroon Gunn-Salie. Foto: Renata D’almeida.

Fonte: <http://brasileiros.com.br/2016/05/confluencia-entre-etica-e-estetica-na-obra-de-haroon-gunn-salie/>

Esses dois aspectos são fundamentais para se compreender o grau de envolvimento do artista com a comunidade, uma vez que os elementos que rondam a exposição trabalham para o empoderamento da comunidade afetada, contribuindo para a ampliação dos arquivos de memória sobre evento.

Conclusões

"Olhares sobre a paisagem: imagem e memória no desastre socioambiental em Mariana, Brasil" pretendeu condensar sob certas imagens referenciais uma noção simbólica de que a paisagem é a geografia emocionalmente reconhecida (DARDEL, 2011) uma vez que os relatos fotográficos e audiovisuais demonstram não apenas as perdas materiais, mas as perdas afetivas. Os sujeitos foram violenta e literalmente tragados por uma lama densa e tóxica que invadiu seu lugar de pertencimento, ou seja, foram sobrepujados "em sua conduta e em sua vida cotidiana, em sua sabedoria lacônica carregada de experiências" (DARDEL, 2011, p. 93). Inferimos que é pelo lugar, segundo Marandola (2011), "que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo" (Idem, p. 228).

Portanto, a perda desse referencial de lugar é o que impacta em todas as imagens do desastre de Mariana. Desde os infográficos que remetem a um entendimento visual dos fatos que se sucederam, até as imagens onde objetos, casas arruinadas, a morte ou o resgate de animais são registrados. Mas um elemento se consolida na maioria das imagens: a falta da presença humana, que torna eloquente a representação de toxidade da lama, na qual a Figura 4 é sintomática em demonstrar simbolicamente tal ideia como feridas abertas sobre uma imagem de uma figura humana.

Por sua vez, o filme "Rio de Lama", contrapõe o lugar destruído e a narrativa dos moradores e suas memórias, apresentando a materialidade e os sentidos de cada tragédia em particular e a condição das pessoas como refugiados, que vivem sob a pena de nunca mais poderem voltar ao seu local de origem.

Finalmente o empoderamento da comunidade ou de parte dela se deu pelas ações de *community-specific* em uma difícil e delicada situação no qual a ética dialoga com a estética.

Referências

ANDRADE, Evandro; GARROCINI, Claudia. A paisagem como cenário: mirante, memória e intervenção. **Revista Farol**, n. 9, julho 2013, p. 49-56. Disponível em: <
<http://www.periodicos.ufes.br/farol/article/view/11361>>. Acesso em 26 ago. 2016.

CHEREM, Carlos Eduardo et al. Órfãos do Rio Doce. Fim de um Patrimônio. **UOL Notícias**. 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/especiais/orfaos-do-rio-doce.htm#tematico/28> Acesso em 23 abr. 2018.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

FIORAVANTI, Carlos. Impactos visíveis no mar. **Revista Fapesp**, n. 242, abril de 2016, p. 42-47.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2010.

_____. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MACHADO, Viviane. Lama deixa 1,4 mil pescadores sem renda e mata 3 t de peixes no ES. **G1**, 05 dez. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2015/12/barragem-que-rompeu-ha-1-mes-traz-mar-de-lama-e-prejuizos-para-o-es.html> Acesso em 17 ago. 2016.

MAGNO, Douglas. Mar de lama: sonhos, histórias e vidas soterradas. **Douglas Magno** (site pessoal). 2015. Disponível em: < <http://douglasmagno.com.br/mariana/>>. Acesso em 26 ago. 2016.

MARQUES, Jose et al. Avanço da lama deixa 15 cidades em alerta em MG e ES. **Folha de S. Paulo**, 07 nov. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/11/1703436-lama-das-barragens-deve-chegar-ao-espírito-santo-ate-segunda-feira.shtml> Acesso em 17 ago. 2016.

MARANDOLA, Eduardo Jr. (org). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARTÍ, Silas. Beleza na lama. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, 29 abril 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/04/1765704-devastada-pela-lama-mariana-e-suas-ruinas-inspiram-filme-e-obras-de-arte.shtml>> Acesso em 26 ago. 2016.

MOCELLIN, Vivian. A confluência entre ética e estética na obra de Haroon Gunn-Salie. **ARTE!Brasileiros**. 29/05/2016 8:00, atualizada às 01/06/2016 11:10. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2016/05/confluencia-entre-etica-e-estetica-na-obra-de-haroon-gunn-salie> Acesso em 26 ago. 2016

OLIVEIRA, Livia de. "O Sentido de Lugar". IN: MARANDOLA, Eduardo Jr. (org). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012. pp. 3-16.

RIO de Lama. Direção: Tadeu Jungle. 9'34'' min. 2016a. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7zQZqqSkJq0/>>. Acesso em 24 abr. 2018.

RIO de Lama, visão do diretor. Direção: Tadeu Jungle. 9'54'' min. 2016b. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ZxKHk56aLZw>> . Acesso em 24 abr. 2018.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. Acidente em Mariana (MG) e seus impactos ambientais. **Mundo Educação**, 2016. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/acidente-mariana-mg-seus-impactos-ambientais.htm> Acesso em 17 ago. 2016.